

## A DONDOCA

Ela contempla-se NUA, no amplo espelho de três faces do seu luxuoso banheiro, e se vê multiplicada ao infinito. Ela acaba de sair de um banho demorado e minucioso. Apenas os cabelos estão enrolados numa toalha, à maneira de um turbante, o que lhe dá uma aparência de princesa das mil e uma noites. Aromáticos vapores pairam na tépida atmosfera, envolvendo-a da cabeça aos pés. Ali, em carne, osso e imagem(s) está a bela mulher de longilíneo porte, o corpo todo bem torneado em curvas e ondulações. Gotículas ainda equilibram-se na pele cor de mel, parecendo reluzentes pérolas, enquanto os encrespados fios pubianos rebrilham como ouro, sob a luz vespertina, que entra de viés por uma pequena janela.

Ao admirar-se nas presenças refletidas no outro lado, ela deixa-se levar por fantasiosos devaneios e imagina-se como uma rainha de contos de fada: “Espelho, espelho meu” - indaga, de repente, sorrindo -, “existe no mundo alguém mais atraente do que eu?” E, se o espelho fosse mesmo encantado, certamente responderia: “A sua beleza e plástica causariam inveja às mais esplendorosas deusas do Olimpo.”

Tal constatação torna-se ainda mais significativa em dias como este. Ela tem um encontro. Ao pensar nisso, sente que o seu coração começa a palpitar e, instintivamente, olha o relógio. Mas, em seguida, acalma-se. São ainda duas e vinte. Ela tem mais de uma hora para se maquiar, se perfumar e se vestir, ritual só testemunhado pelo fiel espelho, que, como o gênio da lâmpada maravilhosa, atenderá aos seus mais íntimos caprichos, reproduzindo - gesto por gesto, detalhe por detalhe - todos os seus atos e movimentação.

Vira-se de costas e o espelho exhibe, agora, um dorso esguio e amorenado, formando nítido contraste com a alva ondulação das firmes e bem-modeladas nádegas. O cintilante bronzeado, despertando cobiçosos olhares por onde Ela passa, foi adquirido em relaxantes horas de sol e praia, passeios de barco ou na própria piscina do seu apartamento de veraneio, durante a última temporada, agora chegando ao fim, para a sua contrariedade. Ela adora o verão.

Volta a se examinar de frente, ao mesmo tempo em que começa a espalhar um creme hidratante por todo o corpo. Depois passa a massagear os seios (com suavidade) e conjectura que o fato de nunca ter amamentado deve ter contribuído para que as duas arredondadas bolas de carne (e seus perfeitos círculos café-com-leite) tenham se mantido até o

momento em ereto equilíbrio e desejável rigidez. E recorda-se que, quando adolescente, achava-as muito pequenas. Mas, após a gravidez, as suas mamas atingiram o tamanho e a textura ideais e poderiam se equiparar, agora, aos de qualquer moça de dezoito ou vinte anos. Ela acabou de completar 28, apesar de aparentar bem menos.

Em função destas lembranças, outros fatos passam a desfilar em sua memória e Ela, como se tivesse embarcado na máquina do tempo, transporta-se aos tempos em que estudava no Colégio “Coração de Jesus”, dirigido pelas freiras da “Divina Providência”, e, dos inocentes (até certo ponto) namorinhos daquela época. A primeira vez que um rapaz lhe tocou nos seios e acariciou suas coxas, no escurinho de uma sessão cinematográfica vespertina dominical, Ela, apesar de ter passado por uma gostosíssima sensação, teve remorsos dignos de uma pecadora bíblica. “Como eu era tola”, pensa, sorrindo para si mesma. “Imagine se aquela garotinha boboca me visse agora?”

Mas, por outro lado, há de se considerar que Ela(s) têm muita coisa em comum até hoje. Pois, tanto num período, quanto noutro, Ela sempre imaginou para si uma vida refinada e aventureira. Sem esquecer é claro de encontrar um “bom partido”, seguindo, aliás, os conselhos de sua própria mãe: “Nada pior, minha filha, do que se casar com um pé rapado qualquer. Você tem de aproveitar a sua beleza e arranjar alguém que lhe proporcione uma vida tranqüila, cheia de luxo e conforto.”

Tais conselhos, reflete, foram seguidos à risca. Mesmo tendo que abdicar do único namorado por quem se sentiu realmente atraída, ao perceber que ele era um idealista e nunca subiria na vida. Ela lembra-se até das palavras que disse para ele, ao receber e recusar uma proposta de casamento: “Eu gosto de freqüentar bons ambientes, gosto de festas, jantares e de ter uma intensa vida social; gosto de ver pessoas bem vestidas e perfumadas; gosto de comer bem, de bons vinhos, de sempre estar na moda e de possuir muitas jóias; gosto de aparecer em colunas sociais e de estar em evidência; gosto de viajar e quero viajar muito. Você pode me proporcionar tudo isto?” Ele calou-se e desapareceu para sempre de sua vida.

Já o marido - apontado por muitos como um ambicioso carreirista -, além de ostentar um sólido sobrenome, teve condições de satisfazer a maioria dos seus desejos, como Ela mesma admite. Bem verdade que ele nunca foi uma figura máscula e esbelta, aos moldes dos atores hollywoodianos que apareciam nos seus sonhos juvenis. Mas, afinal de contas, não se pode ter tudo na vida. Além disso, foram certas carências

afetivo-conjugais que a levaram às tão excitantes aventuras amorosas. Logo...

Ao perceber, porém, que já não mais se vê (os olhos, no lado de lá, perdidos no vácuo), Ela, num gesto repentino, arranca o turbante da cabeça e solta os louros cabelos, que fluem em harmoniosas ondas e madeixas até os ombros. E ajeita-os com apenas algumas escovadas, considerando que foi uma excelente idéia ter passado toda a manhã no cabeleireiro, pois ao mesmo tempo em que ouviu as últimas fofocas do Alonso (“Nesta cidade, minha querida, tudo se sabe, tudo se vê, tudo se conta...”), deixou os cabelos lavados e preparados para qualquer penteado. Já a tarde anterior fora dedicada a outra importante providência: o depilar-se em especializado salão de beleza, pois, durante a última semana, muitos pelinhos supérfluos e indesejáveis brotaram em suas pernas, axilas e virilhas.

A face de cá e a face de lá perscrutam-se, a seguir, os olhos cinza-esverdeados (o tom muda de acordo com as cores do dia) fixados no seu próprio brilho e mistério. E passam a examinar, com a meticulosidade de um ourives, todas as nuances e minúcias do rosto pequeno e arredondado, ainda desprovido de cremes, pós, ou outras substâncias químicas. Os lábios, finos e simétricos, e o nariz miúdo quase se colam na superfície de cristal e, por mais que pesquise, Ela não consegue distinguir nenhuma ruguinha. Mesmo assim, não descarta a hipótese de uma plástica facial em dias futuros. Pois o que mais a amedronta na vida é a implacável ação do tempo. “Por que temos de envelhecer?”, pergunta Ela às suas imagens, enquanto a expressão, por instantes, perde toda a vivacidade e adquire um tom sombrio.

Mas um dos seus mais firmes propósitos é não se deixar abater por pensamentos negativistas e, ao afastar-se, mais uma vez para se apreciar de corpo inteiro, Ela tem a gratificante sensação de comprovar que as marcas do tempo ainda não fizeram nenhum estrago visível em seu corpo. Na verdade, mesmo quando era solteira, nunca estivera em tão esplêndida forma. Só que não é nada fácil manter tal categoria. Para evitar adiposidades e gordurinhas (algumas amigas de juventude já se transformaram em verdadeiros bagulhos), Ela faz ginástica, ballet, jazz, *cooper*, yoga e até sapateado. Além do mais, a sua alimentação é toda controlada na base de grelhados, verduras e frutas. Guloseimas e massas só em ocasiões muito especiais. Já o consumo alcoólico restringe-se a vinhos de boas safras, ao almoçar ou jantar fora, champagne francesa, em festas e recepções, ou uma cervejinha gelada depois da praia.

Dá mais alguns passos para trás e para frente e sorri ao imaginar que não seriam poucas as pessoas na cidade que gostariam de vê-la assim, em límpida nudez. Mantêm-se, então, por alguns minutos, imobilizada numa só pose, as pernas longas formando equilibrada simetria com o roliço das coxas. Depois dobra a perna esquerda, na típica postura das misses e debutantes, o que faz despontar, sobretudo, o triangular tufo cor de cobre do seu púbis. Surprende-se, em seguida, ao perceber que suas réplicas ensaiam eróticas poses, dignas das mais experimentadas *cover-girls*. E começa a se sentir ligeiramente excitada. Ao mesmo tempo constata que deliciaria muita gente se exibisse os seus pródigos atributos na *Playboy*. Pois se Ela aparecesse assim, *in natura*, estampada nas muticoloridas páginas da revista, ninguém hesitaria um segundo em admitir que as suas bem-proporcionadas formas poderiam ter sido talhadas por algum escultor perfeccionista.

Mas, logo após, um tique de contrariedade perpassa mais uma vez pelo seu semblante, ao concluir que, na verdade, tal hipótese nunca se concretizará. O fato de viver numa cidade ainda pequena e provinciana impediria tais ousadias.

Decide, porém, deixar de lado estas divagações e, em outro ato súbito, mais uma vez olha o relógio. Como andam rápidos estes ponteiros – reflete - ao verificar que já são quase três horas. E entrega-se a outro importante item da sua toalete: a maquiagem.

Ao iniciar a operação facial, Ela sente-se como se estivesse num camarim, considerando que não deve ser muito diferente a emoção de uma atriz, prestes a entrar em cena, em comparação com as sensações que a dominam agora. E, enquanto espalha creme base pelo rosto, uma incontida ânsia de já estar “lá” passa a fustigá-la. Fecha os olhos e, por instantes, vê-se conduzida, como num passe de mágica, para o pequeno e acolhedor apartamento, especialmente montado para fins amorosos, em pleno centro da cidade. No mesmo prédio fica o consultório do seu dentista, o que evita qualquer tipo de suspeita.

Mas, apesar de todas as cautelas, há sempre certo temor, no momento em que Ela com (passos arrogantes e sensuais) sai do requintado edifício onde mora, na Avenida Beira-Mar, deixando um rastro de perfume atrás de si e já provocando os primeiros olhares. A tensão aumenta ainda mais quando Ela vai driblando a apressada massa anônima, com o ar *blasé* das modelos numa passarela, ao aproximar-se do aconchegante reduto. E, mesmo com toda a sua aparente segurança, é difícil controlar o intenso ritmo do seu coração, no momento em que entra no elevador (sempre

apinhado por gente de todos os tipos e condições). E começa a subida, que parece levar uma eternidade.

Para despistar algum possível observador - “Nesta cidade há sempre mil olhos nos vigiando...” (Alonso) - Ela salta no andar do seu dentista. Depois sobe dois lances de escada e segue pelo corredor, como se estivesse numa corda bamba - “e se aparecer alguém conhecido?”-, até chegar à porta do secreto ponto de encontro e apertar a campainha três vezes (o código combinado). E, com a aflita expectativa de alguém que está atravessando uma fronteira proibida, sob o risco de ser capturado a qualquer momento, Ela aguarda por alguns minutos (que também parecem intermináveis), até a porta se abrir e surgir um simpático e sorridente rosto masculino. “Por que será que o proibido nos excita tanto?”, pensa, de repente.

Neste mesmo momento, porém, como um impertinente cisco que repentinamente se alojasse no olho, a presença do marido irrompe em sua mente. “E se ele descobrisse?”

Mas logo rejeita estes pensamentos perturbadores, pois sabe que, nesta mesma hora, ele está confortavelmente instalado num refrigerado gabinete, sob a proteção de belas recepcionistas e eficientes (mas nem tanto) secretárias. De mais a mais, ele também tira os seus proveitos por aí - “...a reunião hoje vai até tarde, querida...” - e vive sempre viajando a serviço - “...vou ter que ficar mais dois dias em Brasília e depois mais três no Rio, você compreende, não é querida?...”

Novamente, entretanto, cai em si, surpreendendo-se outra vez com o olhar parado e distante. Volta à ação e, com gestos resolutos, continua a maquiagem: passa sombra nas pálpebras, rímel nos olhos e *blush* nos pomos. Delineia depois os lábios com um batom discreto.

Dedica-se, em seguida, à agradável e inebriante tarefa de se perfumar. Primeiro lança jatos de um suave desodorante nas axilas e seu sombreado relevo. Logo após borrifa o corpo, as coxas, o púbis e a região vulvar com *Eau de Cologne*, Chanel nº 5.

Enquanto se perfuma, a sua mente inquieta já antecipa as sensações que dentro em pouco serão (re) vividas, recordando-se também do que dissera um dia à sua melhor amiga e confidente: “... o que encanta é o clima romântico que ele cria - luz ambiente, um vinho branco gelado, musiquinha suave - ao contrário daquela trepada rápida, mecânica, sem graça, do meu marido...”.

Mas, na realidade presente - já são quase três e trinta! - e Ela, agora demonstrando pressa e agitação, afasta-se do foco do espelho. Minutos depois retorna já vestida: camiseta aderente ao corpo, *jeans*, sandálias, brincos, pulseiras e bolsa a tiracolo. Observa-se pela derradeira vez, com a face afogueada, uma cor sangüínea latejando nos pomos. E, com gestos rápidos e nervosos, dá mais algumas escovadas nos cabelos, ajeita-se ainda, aqui e ali, até que se retira às pressas, permanecendo apenas o reflexo do banheiro vazio.

\*\*\*

Mas se o espelho fosse realmente mágico, como Ela tanto almejava em suas fantasias, não deixaria de mostrar, meia hora depois, a expressão de surpresa, susto e pavor (nesta ordem) que a dominará por inteiro, no momento em que a secreta porta se abrir e, em vez daquele que Ela esperava ver, surgir o rosto do seu próprio marido. (1985)

\*

*(Conto publicado originalmente no livro “O Dia D de um Desempregado”, Editora Insular, 2000.)*